

Teorias Da Comunicação : Um Método¹

As Teorias Da Comunicação Mediadas Pelo Cinema

Prof^o. Dr^o. Paulo Braz Clemencio Schettino²
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* –
nível de Mestrado em Comunicação e Cultura
Universidade de Sorocaba - UNISO

Resumo:

A disciplina Teorias da Comunicação consta do currículo das escolas superiores de Comunicação e observa-se, atualmente, uma crescente dificuldade de seu ensino em virtude de uma atitude discente de desconforto ante as disciplinas teóricas. O presente trabalho pretende contribuir com um método capaz de contornar as dificuldades encontradas pelo professor. A utilização do cinema ou audiovisual como método que envolve a comunicação de um modo geral é um procedimento metomímico, pois, estamos lançando mão de um meio específico com suas regras e seu aparato tecnológico e repertório de textos culturais que refletem os mais diversos fenômenos da comunicação.

Palavras-chave: Comunicação; Cultura; MCs - Meios de Comunicação; Intertextualidades; Cinema.

As escolas de Comunicação do país mantêm, quase em sua totalidade, um *curriculum* mínimo, básico, às vezes chamado de Humanidades, começando no primeiro ano e completando tal ciclo no segundo, para então separar os interesses do aluno de acordo com as habilitações profissionais pretendidas.

Entre as disciplinas do primeiro ano, logo ao ingressar no curso superior, o aluno tem contato pela primeira vez com as Teorias da Comunicação. Deve-se entender aqui por teoria – derivada etimologicamente do grego *theoria* – a um conjunto organizado de princípios, de regras, de leis científicas que visa descrever e explicar um determinado fenômeno, tema ou assunto. A este conjunto de estudos e reflexões feitas é que se considera como teoria. A partir desses estudos alguns conceitos se formam, se

¹ Trabalho submetido ao XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom.

² Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação e Cultura, nível de Mestrado, da UNISO – Universidade de Sorocaba. Doutor em Ciências da Comunicação e Mestre em Cinema (imagem e som) pela Universidade de São Paulo – USP

consolidam e passam a permear as interpretações diferentes feitas por diversos autores sobre um mesmo tema.

No caso da Comunicação, as suas teorias se desenvolveram ligadas à Lingüística de Saussure e à Semiótica de Peirce. A teoria sempre vem após o fato, o fenômeno, e tenta trazer à luz uma explicação para o já existente. São formulações de idéias posteriores à ação.

Nos primeiros contatos do educando com a disciplina, é fundamental que o professor procure evitar a *babelização* dos estudos existentes da Semiótica e da própria Comunicação. Há um aparato terminológico confuso, nas Teorias da Comunicação, devido à multiplicidade de termos diferentes para os mesmos fenômenos e fatos. Isto quer dizer que a maioria dos teóricos batiza os fenômenos estudados com nomações diferentes de termos gregos e latinos, traduzindo-os com significações obscuras sobre o assunto. É necessário fazer, portanto, com que o educando perceba que a disciplina estudada é muito mais simples do que o estudo que se faz sobre ela.

Propomo-nos a discutir um método de ensino da disciplina, um entre os diferentes possíveis, que utiliza a riqueza existente na produção de filmes e *teleplays*, realizados pelo Cinema e Televisão.

Ao utilizarmos um meio de Comunicação, o Audiovisual, para tratarmos de temas que envolvem a Comunicação de modo geral, pensamos em um procedimento metonímico. Pois, estamos lançando mão de um meio de Comunicação específico que possui um conjunto próprio de regras, com seu aparato tecnológico e que, após seus cem anos de produção de textos culturais, coloca a possibilidade de, através dele, apresentarmos uma reflexão sobre os mais diversos fenômenos da Comunicação.

Visto por este ângulo, portanto, estamos usando o Cinema como exemplo de um meio de Comunicação para falar dos outros meios e do próprio ato comunicacional em si.

Por outro lado, o próprio Cinema tem um comportamento metonímico quando, através da moldura da tela, divide o espaço e o tempo em dois: o que está dentro da tela, sendo visto pelo espectador, e o que está fora dela, que supostamente seria a representação de um universo que não foi focalizado, estimulando o interesse imediato por parte do espectador. Porém, o que ocorre, quase sempre, é o contrário. O que está fora da tela, às vezes, é o que se torna a verdadeira intenção, mais interessante do que está dentro dela.

A metonímia do Cinema está justamente no fato de que, ao fechar a sua atenção para um sistema menor, cujas fronteiras são a moldura da tela, esse espaço por sua vez pretende falar de todo o infinito ao seu redor. Como por exemplo: ao se propor a contar a história de um menino-de-rua, o Pixote, do filme brasileiro homônimo, fala de todos as outras crianças abandonadas que perambulam pelas ruas de uma cidade qualquer. De novo, a utilização de uma parte do universo para refletir, pretensamente, todo o universo.

Em seus cem anos de existência o Cinema, aos poucos, vai se apropriando e interagindo com os outros meios de Comunicação que o precederam, que surgiram antes, e provocando uma superposição que acaba por transformar o Cinema em um meio de Comunicação híbrido.

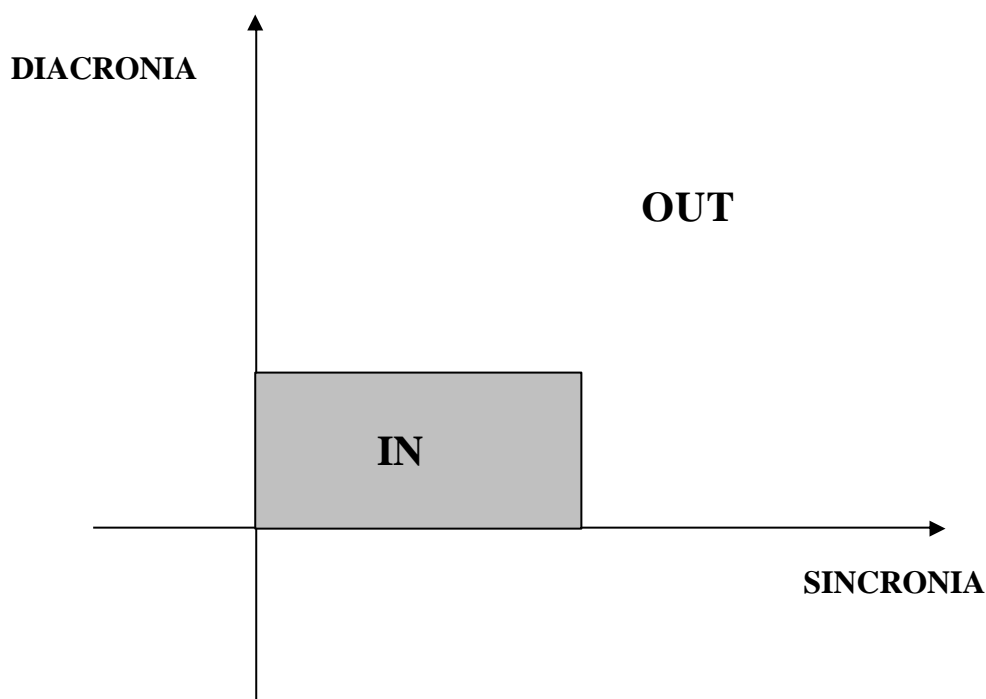
Neste sentido, ele toma a narrativa da literatura, a oralidade do rádio e a imagem registrada / fixada da fotografia e da pintura, incorporando ainda, o movimento e a ação do teatro, através da expressão corporal e da fala dos seus atores / personagens.

Desta forma, torna-se evidente a complexidade do Cinema como um meio de Comunicação, que ao longo de sua existência vai paulatinamente se autoconstruindo, a partir de outros meios, enquanto reelabora sua própria linguagem, que nós, os espectadores, aprendemos a ler / decodificar.

Por outro lado, o Cinema é antropológico, em quase sua totalidade de produção. Ele reflete sobre a condição humana, tendo interesse especial no rosto e aprofunda sua linguagem nos aspectos físicos dos olhos. Por exemplo, é por meio do olhar que o Cinema construiu toda a sua gramática, entendendo aqui como gramática, os movimentos de câmera, a montagem de cenas, os cortes, os focos de tensões dentro do quadro, os clichês (signos visuais utilizados repetidamente à exaustão), etc. De modo geral, todo texto fílmico começa com um grande plano, semelhante à descrição na literatura, que serve para contextualizar o que está para acontecer. Através de tal contextualização, o espectador é levado a reconhecer “onde” e “quando” acontece a ação, isto é, ele é chamado a fazer uma associação imediata, espacial e temporal, para os fatos que irá presenciar.

Dentro da narrativa Cinematográfica o plano geral sempre teve a função de produzir a espacialização, pois se pode notar que, após tal descrição, é a câmera que se movimenta do *macro* para o *micro*, ou seja, vai em direção a um ponto da tela fechando o campo de observação. Esse ponto, de modo geral, é o *homem só*. O *homem só*, porém, não mais perdido no espaço, pois, a moldura da tela dará as referências

cartesianas da sua posição,além da contumaz informação explícita de tempo e lugar. Ele se encontra só e começamos a tomar consciência do seu redor, da sua circunstância, e a procurar entender onde está, e empreender a leitura de seu mundo.



Esse primeiro plano Cinematográfico é metaforicamente o que acontece com todo indivíduo a cada despertar de um novo dia ou toda vez que ocorre o nascimento de um novo ser. O indivíduo está numa espiral que se alarga, aproximando-o dos outros homens, onde encontra seu semelhante, e agora nós espectadores temos o homem e seu duplo. A partir daí, com tal multiplicação, deve-se considerar os relacionamentos, os comportamentos, as interações, as divisões de espaço, mas também, as relações no tempo, tendo em vista a consolidação diacrônica de uma cultura particular por meio da socialização.

Assim, os homens se multiplicam na tela; os homens se dividem em grupos; os grupos se dispersam no espaço e é por essa razão que consideramos que o início do estudo das Teorias da Comunicação, quando mediadas pelo Cinema, dê preferência à leitura e interpretação do prólogo do filme de Stanley Kubrick *2001, uma odisséia no espaço*. Não só o prólogo, mas todo o filme pode ser visto como uma metáfora do que foi dito acima. No prólogo do filme, de início, tudo é escuro, surge a luz e o mundo no espaço infinito. Desse mundo ou mundos, a atenção fecha-se sobre a terra e nela está o

homem só. Trata-se de uma metáfora clara da criação do mundo e do homem, quase uma transcrição imagética do primeiro capítulo do Gênesis, primeiro livro do Pentateuco do Antigo Testamento da Bíblia. .

Em uma divisão didática, aparentemente encadeada, percebe-se que antes de falar das vinculações do homem com o mundo e de sua interação com o mundo, é necessário falar dos vínculos deste mesmo homem em uma relação direta com o seu meio ambiente, e da criação de elos entre este homem e seu duplo. Assim, pode-se fazer também uma reflexão sobre as ferramentas que ele irá utilizar para alcançar tais objetivos.

Por isso, a Semiótica propiciará os termos adequados para nomear as reflexões sobre Comunicação. Em tais reflexões estão inclusas: a leitura do mundo, a identificação da forma e da matéria de que o mundo é feito, a apreensão da *primeira realidade* que é o homem tateando no escuro e reconhecendo a concretude de seu habitat. Ao dar nome às coisas que o circundam, ele começa a exercer a atividade simbólica, e a ler o mundo através dos textos que ele produz em sua mente. A partir do batismo e do reconhecimento das coisas, ele vai, em primeiro lugar, adquirindo um sistema de signos. A partir desta aquisição é que ele começa a vincular os signos, isto é, a associar as suas representações das coisas, adquirindo a capacidade de articulação desses signos. Cremos ser o momento de abordar o pensamento de Teillard de Chardin (A Hominização/a matéria reflexa/a encefalização/o pensamento). Surge, assim, a linguagem dos signos que só agora passaremos a chamar de Semiótica, para o educando. No primeiro ano, acreditamos que será primeiro necessário perceber que para se comunicar ele precisa ter, antes de tudo, um repertório e depois aprender a utilizar esse repertório, à semelhança da construção de toda linguagem sígnica.

De modo geral podemos dizer que existe uma seqüência lógica ao associar o estudo de Semiótica ao estudo da Comunicação, e aplicando estes dois primeiros enfoques à *Semiótica da Cultura*, estaremos percorrendo as três fases do processo de significação: a sintaxe, a semântica e a pragmática, sendo todas elas utilizadas para a produção e leitura de textos, resultantes da leitura do mundo.

Podemos dizer que a Semiótica, trata a partir das leituras da *primeira realidade* circunstante do indivíduo e sua tentativa de interpretação / leitura do fenômeno, observável em si e a seu redor. A Semiótica lhe dá, através da produção de signos e sua capacidade de vinculação e articulação, a capacidade de leitura do mundo e de interação com seus iguais e o mundo, em suma, a capacidade de comunicar.

Numa segunda etapa, havendo o contato com o outro, surge a necessidade de interagir / interação com seu duplo. Na Semiótica, as formas / ferramentas, em última instância, são os sistemas de signos e os códigos. Já na Comunicação, são os conteúdos e os sentidos dos textos(Hjelmslev), que co-divididos pelo grupo social constituirão a sua Cultura.

Os textos naturais surgem a partir da leitura do mundo e os textos teóricos a partir da polifonia produzida por autores que enfocam as Teorias da Comunicação. Cremos ter chegado o momento de introduzir o pensamento de Bahktin , sobre a questão da apreensão das línguas naturais como *mimeses* e as interdependências entre os textos produzidos.

Para fundamentar as idéias de que falamos até aqui, é necessário retomar os textos teóricos oriundos da Semiótica eslava que apresentam-se de grande importância, abrangendo uma maior gama de pensamento científico. O importante nesta trajetória é que a escola formalista russa, como se sabe, parte dos estudos da Poética e transborda para as Teorias da Comunicação, expandindo-se para as Teorias da Cultura. Isso acontece, entre outros fatores, devido à convergência de estudiosos de diferentes áreas do pensamento científico: matemáticos, físicos, biólogos, psicólogos, médicos, cada um trazendo a sua linguagem e sua visão do fenômeno estudado. Observa-se a recomposição do saber que havia se fragmentado nas diversas disciplinas voltadas para uma determinada especialização.

Cremos ser oportuno introduzirmos, a essa altura, a noção de transdisciplinaridade. Deste modo, é importante a participação da Biologia por fornecer a leitura de um sistema a partir dos órgãos formadores, e a Matemática, com a lógica e a teoria dos conjuntos, assim como a Física com a energia, a entropia e sua visão de caos e ordem / desordem. Um fator determinante na Semiótica eslava é que o mesmo fenômeno é estudado à luz de vários conceitos, sendo isso, o diferencial que fornece ao Formalismo Russo a sua completa transdisciplinaridade, e que os textos produzidos, a partir de enfoques diversos, terão que ser cruzados, e, numa segunda leitura, irá aflorar a sua convergência, ou sua intertextualidade.

É hora de introduzir o conceito de Intertextualidade como a necessidade dos cruzamentos de textos em suas relações matemáticas (Teoria dos Conjuntos – conjunções/disjunções). Dentre os emaranhados labirínticos que resultam nas teorias semióticas, didaticamente, é necessário acrescentar que são três os objetos de leitura para o educando: em primeira instância a sua capacidade de ler o mundo ou os textos

naturais; em um segundo momento, tendo já desenvolvido a apreensão da língua culta, será capaz de fazer a leitura de textos verbais escritos dos autores que interessam para a disciplina; em terceiro lugar ele deverá adquirir a acuidade visual e mental para apreender os textos imagéticos (fílmicos, fotográficos, pictóricos). Atingir uma representação: por meio das metáforas, das explicações e acima de tudo através dos processos metalingüísticos que resultam na verdade em conhecimentos adquiridos e, reconhecidamente, importantes para a leitura e escrita/decodificação e codificação.

Apoiados no trabalho teórico de Hejmeslev, extraímos o conceito do Signo, como portador de significação, contudo, estando preso além do plano da expressão, ao plano semântico portador da enunciação e do discurso: a forma do que se quer dizer (significação) e o conteúdo/sentido (Comunicação).

A Semiótica, como dissemos, permeia o estudo da Comunicação, e ela passa a ser vista como o estudo da produção, vinculação e estabelecimento de códigos para exteriorização e leitura do pensamento. Portanto, vemos a Comunicação como construção de pontes entre o indivíduo e o outro. A Comunicação interpessoal de uma *diade* revela-se como o princípio da socialização: dois indivíduos alternando as funções de emissor e receptor estabelecendo o *diálogo* (*Quem tem medo de Virginia Woolf?*, peça teatral de Edward Albee; além da produção poética de Fernando Pessoa).

Os meios de Comunicação, em sua estrutura básica, estudados como primários, secundários e terciários se prestam à formação de redes comunicacionais que não são mais do que pontes ou vias interligando os indivíduos. Para ilustrar estas três fases, podemos dizer que na primeira fase do aprendizado das Teorias da Comunicação, o educando observa, como o primeiro *homem só*, que se relaciona com os outros seres viventes ou não, animados ou inanimados.

Contrariamente a essa solidão humana, pode-se pensar nos grupos dispersos pelo espaço, antes da disseminação das redes de Comunicação, que permaneciam como sistemas isolados de Cultura. Neste sentido, entendemos o povoado como um microcosmo de um grupo humano, cujos integrantes se relacionam entre si e com seu espaço, através de signos comuns lingüísticos e não lingüísticos, verbais e não-verbais, discursivos e/ou representativos, porém constituindo em seu todo um sistema fechado. As relações intergrupais e as trocas culturais que as permeiam também irão se constituir em objeto de reflexão. O prólogo da mais recente versão para o Cinema do romance de Edgar Rice Bourroughs se apresenta como o avesso do prólogo do filme de Kubrick.

Agora, parte-se de uma cultura formal e estabilizada para o estágio primordial dos seres humanos.

Há na Comunicação Verbal – a palavra oral e escrita, dois pontos de vista: o ponto de vista do emissor e o ponto de vista do receptor. O ato de leitura dos textos, transparece o ponto de vista do receptor, e as várias leituras por diferentes receptores a partir de um mesmo texto. Observam-se diferentes níveis de leitura: em um primeiro nível superficial, a apreensão da linha narrativa e de algumas expressões que chamam a atenção quase sempre por estranhamento e outras por identificação. No segundo nível de leitura, o secundário, o receptor começa a estabelecer as relações de intertextualidade e no terceiro nível, de leitura profunda, o receptor acredita ter se apoderado do discurso do produtor e do conteúdo do texto. A produção do texto reflete o ponto de vista do emissor, ele parte de uma idéia e constrói o texto. O produtor de texto (signos complexos) produz a primeira articulação de que trata a lingüística de Saussure, o tecido do pensamento com palavras. No caso da Comunicação não-verbal as palavras são substituídas por imagens, também aqui há no receptor dois movimentos: estranhamento (imagem nova) e identificação (o *déjà vu*). Parte-se da forma e da estética da imagem, para o discurso do autor ou discurso oculto, o texto do emissor subjacente à imagem. A imagem latente ou mental, à semelhança da reprodução fotográfica, entra em processamento até o seu vir à tona que se completa no receptor. Na seqüencialidade da produção da imagem-texto, e da produção do texto-imagem, o receptor desconstrói o texto para chegar à idéia, enquanto o emissor constrói o texto, dá idéia ao texto.

Na mídia primária o instrumento é o corpo do indivíduo, anterior a aquisição da fala, a Comunicação se dá por gestos e a utilização do corpo por inteiro, com destaque para a potencialidade comunicacional do rosto. A verbalização, a aquisição da fala pressupõe um passado de produção de signos, criação de códigos para a sintaxe e a possibilidade de representação das coisas pela palavra. A mídia primária, portanto, pressupõe uma divisão em seqüência: primeiro o corpo, depois a fala. É através da oralidade que há transmissão da cultura pelos contadores de história; é através da fala que um povo recebe os comunicados de seus senhores através dos arautos. A utilização do corpo e da fala pelos primitivos atores que formavam grupos itinerantes e que percorriam as estradas, levando a grupos e povoados isolados culturas através da mímica e relatos de viagens através das palavras. Ficcional ou não, ou permeadas de ficção e realidade, os saltimbancos foram os principais vetores de sincronização através

da mídia primária. A passagem da mídia primária para a mídia secundária é um longo percorrer da história para a produção da escrita. Séculos de avanços na transformação da escrita pictográfica primordial até a escrita alfabética. Os primeiros manuscritos, as trocas comunicacionais através das cartas/ epístolas. A imprensa moderna começa a disseminação da informação, só a partir da capacidade de leitura do povo é que poder-se-ia imprimir avisos e pregá-los no poste e os arautos perderiam seus empregos. Os primeiros jornais, apenas uma face de página, semelhante aos nossos, hoje, panfletos. A lenta disseminação da literatura impressa de ficção ou jornalística. A mídia secundária vai de 1400 até os meados do século anterior ao nosso como a principal fonte de Comunicação de grupos. Ênfase para o surgimento massivo da literatura impressa: o romance.

A mídia terciária esboçada pelo telégrafo, já que o dominar a eletricidade vinha desenvolvendo-se desde os antigos gregos até o século XVIII, é acelerado pelos últimos cinco anos do século XIX, chamados *os anos de ouro da Física*, com o domínio pelo homem, da eletrônica e do eletromagnetismo. Traz, como resultado, a disponibilização de conhecimentos científicos, que resultaram na tecnologia moderna e afetaram diretamente os meios de Comunicação, provocando a aceleração e sofisticação destes meios. É colocado à disposição do homem todo um arsenal teórico a partir da descoberta, do estudo e do isolamento do elétron com suas aplicações na Ciência Aplicada – a Tecnologia. A Comunicação moderna e contemporânea, incorpora a mídia terciária – que faz uso de aparelhos criados pelo homem / produtos da Cibernética - baseando-se na eletricidade, no eletromagnetismo, e na eletrônica, produzindo a explosão da Comunicação que vem se verificando a partir do início do século XX.

FILMOGRAFIA

1. *200 -Uma odisséia no espaço/2001-a space odyssey*, Stanley Kubrick, (1968)
Pré-história / filogênese / elipse temporal / futuro / darwinismo
2. *A Bíblia/The Bible...in the beginning*, John Huston, (1966)
Discussão: ciência / fé / ilustração
3. *Mowgli-o menino lobo/Mowgli*, Zoltan Korda, (1942)
Comunicação verbal oral / trocas culturais / colonialismo
4. *Greystoke- a lenda de Tarzan/ Greystoke:the legend of Tarzan, Lord of the Apes*, Hugh Hudson, (1983)

- Trocas culturais / Bahktin / Apreensão das línguas naturais*
5. *Blade Runner-o caçador de andróides /Blade Runner*, Ridley Scott, (1982)
Ficção científica / futuro aterrador / ecologia/cibernética
 6. *Contatos Imediatos do 3º Grau/Close encounters of third kind*, Steven Spielberg, (1977)
Plano da expressão / sistemas de signos / pré-Comunicação
 7. *Nell / idem*, Michael Apted, (1994)
Pré-Comunicação / Bahktin / idiossincrasias-dialetos / comunicação difícil
 8. *O Milagre de Annie Sullivan / The miracle worker*, Arthur Penn, (1962)
Pré-Comunicação / teoria da expressão/ comunicação difícil
 9. *Rapsódia em Agosto / Rhapsody in august*, Akira Kurosawa, (1991)
A escrita pictográfica (ideograma) / trocas culturais
 10. *Fahrenheit 451 / idem*, François Truffaut, (1966)
Ficção científica / Comunicação verbal escrita / Livro e Cultura no futuro
 11. *Johnny vai a guerra / Johnny got his gun*, Danton Trumbo, (1971)
Pré-Comunicação / teoria da expressão / comunicação difícil
 12. *O garoto selvagem / L'enfant sauvage*, François Truffaut, (1970)
*Apreensão de língua natural e Cultura / Bahktin / Tarzan e Mowgli -
intertextualidades*
 13. *O garoto / The Kid*, Charles Chaplin, (1921)
Comunicação não-verbal / expressão corporal / mímica
 14. *Luzes da cidade / City Lights*, Charles Chaplin, (1929)
Comunicação verbal / Comunicação não-verbal (mímica)
 15. *O Enigma de Kaspar Hauser / Jeder für Sich und Gott gegen Alle*, Werner Herzog (1975)
*Comunicação verbal / Comunicação não-verbal (mímica) / Apreensão de Língua
Natural e Cultura*

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. A Arte Retórica. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
ARISTÓTELES. A Arte Poética. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
BAHKTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: teoria do romance. São Paulo:

UNESP, 1998.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BYSTRINA, Ivan. Tópicos de semiótica da cultura. São Paulo: Pré-print/CISC-PUC, 1995.

ECO, Umberto. Tratado geral de semiótica. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GARRONI, Emílio. Projecto de semiótica. Lisboa: Edições Setenta, 1972.

LOPES, M. I. V. Pesquisa em Comunicação. Formulação de um Modelo Metodológico. São Paulo, Ed. Loyola, 1990.

LOTMAN, Iuri et al. Ensaio de semiótica soviética. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981.

LURIA, A.R. Pensamento e Linguagem – as últimas conferências de Luria. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1986.

MARTINO, L.C., et alli (organizadores) Teorias da Comunicação – conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MATTELART, Armand e Michèle. História das Teorias da Comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.

MORRIS, Charles. Fundamentos de la teoría de los signos. Barcelona: Paidós Comunicación, 1994.

PEIRCE, C. S. Semiótica. São Paulo : Perspectiva, 1977.

PIGNATARI, D. Informação, Linguagem, Comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1969.

PLATÃO. A República. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

PRÉ-SOCRÁTICOS – Vida e Obra. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCHNAIDERMAN, Bóris (org.). Semiótica russa. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SHANNON, C. E. & WEAVER, W. The Mathematical Theory of Communication. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SODRÉ, M. Reinventando a Cultura. A Comunicação e seus Produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA COELHO, J. Semiótica, Informação, Comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1978.

TRABANT, Jürgen. Elementos de semiótica. Lisboa: Editorial Presença, 1976.

VANNUCHI, Aldo. Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo: Loyola, 2004.

WOLF, M. Teorias das Comunicações de Massa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Modelo de análise para o prólogo de *2001 – uma odisséia no espaço*.

1- Título / Título original

A Alvorada do Homem / The Dawn of Man

2- Ficha Técnica

Prólogo do filme: 2001- uma odisséia no espaço / 2001- a space odyssey .

Texto de Arthur C. Clarke e Stanley Kubrick. Direção de Stanley Kubrick. (USA – 1968)

3- Principais fatos / ações / incidentes

- 1º nascimento do sol – música retumbante. Simbologia: a Criação do Mundo.

A Terra em primeiro plano, seguida da Lua e do Sol. Destaque para o Sol e a Luz do Sol.

Alusão ao texto bíblico através de planos sequenciais:

“No princípio...”

“O espírito de Deus vagava sobre a terra e as águas...” – atenção para o signo auditivo da presença de Deus: o vento.

- A Bipolaridade: a separação do Dia – Noite; Luz – Trevas; Sol – Lua e estrelas.

- Primeira concessão ao Evolucionismo:

um fóssil em primeiro plano na paisagem.

- Os seres vivos, entre eles o antepassado do homem

Um aparente paraíso

As ervas como alimento (de início: herbívoros)

- A morte no “paraíso” – segundo afastamento do texto bíblico

- A formação de grupo/grupos, a luta pela água: sobrevivência – sociabilização.

- A Pré-comunicação explícita: excesso de gestual e grunhidos – sons inarticulados.

- O pavor noturno: o lar como refúgio. A noite – a escuridão – medo do desconhecido

- No amanhecer, a aparição do Monolito Negro: símbolo da Perfeição – objeto inusitado.

O Monolito - perfeito - uno - mistério / medo / fascínio; e a religiosidade: - epifania - revelação - objeto de culto - a alma e o culto aos mortos. A música como signo do Sagrado: a adoração e o temor frente ao Desconhecido.

- 2º nascimento do Sol: símbolo do nascimento do Homem.

Repetição da música que denotava o nascimento do Cosmo.

Homo Sapiens / Homo Faber / Homo Habilis

O Osso: a Alavanca – 1ª máquina simples criada pelo homem –misto de ferramenta e arma.

- As Mortes; as Guerras – o homem agora carnívoro.

- A elipse do tempo: O osso e as naves espaciais e as estações orbitais

- A Música de Strauss – a perfeição da criação humana.

O céu, espaço infinito que antes apavorava Pascal e os homens, encontra-se, em 2001, dominado pelo homem e suas máquinas, agora complexas.

- No interior da nave, a caneta do homem adormecido, flutua pela falta de gravidade e lhe é devolvida.

A caneta - objeto limpo em contraste com o osso simbolizando a Ciência / Saber do novo homem.

4- Principais personagens: características físicas e psicológicas:

Protagonista e personagem única: O Homem Primordial – o homem dos primeiros tempos.

5- Principais Temas e Subtemas:

A Criação do Mundo e do Homem.

Confronto das Teorias Criacionista e Evolucionista.

A Pré-comunicação humana, anterior à aquisição da fala e da escrita.

6- Intertextualidades:

Livro do Gênesis: 1º livro do Antigo Testamento da Bíblia.

A Origem das Espécies, Charles Darwin.

O Fenômeno Humano, Teilhard de Chardin.

Textos de Spencer.

A Guerra do Fogo – filme.

A Bíblia... o início – filme de John Huston.

7- Resumo ou Sinopse:

Após uma música de fundo sobre quadro negro com a palavra Ouverture caracterizando uma concepção operística da obra fílmica, e o logotipo da produtora, inicia-se o filme. Música retumbante acompanha as primeiras imagens com a Terra em primeiro plano, seguida da Lua e do Sol nascente, simbolizando a criação do mundo. Na seqüência, uma sucessão de planos de panorâmicas mostrando uma terra áspera e sem vida, porém com o som do vento sobreposto denotando o “espírito de Deus que vagava sobre a terra”.

Surgem os animais, e entre eles o homem primordial como um seu igual, antepassado do *Homo Sapiens*.

Após um momento epifânico de sua transformação graças à evolução, têm início as descobertas do homem e sua leitura do mundo circundante,

O *logos* levando-o ao despertar do autoconhecimento e à criação de ritos e capacidade de produção de mitos.

Agora, o homem decola para o futuro em sua viagem ao Conhecimento. Toda a construção humana e seu desenvolvimento em termos de cultura e história são abandonados quando da realização do filme, na maior elipse temporal do Cinema.

O grande salto para 2001, o símbolo do futuro para o homem da década de 60 do século XX.

8- Story-line:

A Criação do Mundo e do Homem numa concepção mista das Teorias Criacionista e Evolucionista. Uma visão do homem primordial.